

O impostor: contribuição à psicologia do Ego de um tipo de psicopata¹

Helene Deutsch (1884-1982),² Cambridge

A autora descreve e discute um tipo particular de personalidade psicopática, que denomina o impostor de tipo não dramático. Relata o tratamento de Jimmy, iniciado na adolescência, aos 14 anos, e retomado após uma interrupção de 8 anos. Descreve a intensa sintomatologia de conduta, de natureza predominantemente antissocial, apresentada pelo paciente, a qual começou a se manifestar ainda na infância, logo após a recuperação de um episódio depressivo por volta de seus 7 anos, causado pela abrupta separação do pai, que se isolou, vítima de doença crônica grave. Discute o que entende ser a patologia do Ideal do Ego, que resultaria em um Ego desvalorizado e cheio de culpa, estabelecendo também diferenças entre o impostor e as personalidades como se. Destaca a importância das características de personalidade dos pais de Jimmy como elementos de sua predisposição a um desenvolvimento emocional perturbado, mas enfatiza sobretudo a vivência traumática ocasionada pela doença do pai como desencadeante de sua psicopatologia de personalidade na vida adulta.

Palavras-chaves: Psicopatia; Ideal do Ego; Personalidade; Como se, Identificação

¹ Nota do editor: Este artigo foi publicado originalmente no *The Psychoanalytic Quarterly*, Volume 24, Número 4 (1955), pp. 483-505. *The Quarterly* agradece à *Psychoanalytic Electronic Publishing* por fornecer a versão eletrônica deste artigo. Na publicação original constava ao pé da primeira página que o artigo era de 1955 A. A. Brill Memorial Lecture.

² Psiquiatra e psicanalista, polonesa de nascimento. Analisou-se com Freud e, posteriormente, com Abraham. Destacou-se por seus estudos pioneiros sobre psicologia feminina. Em 1935 emigrou com a família para os EUA, fugindo do nazismo, radicando-se em Boston, onde viveu e trabalhou até sua morte.

O ano de 1925 constitui um marco histórico para a pesquisa psicanalítica no campo da psicopatia, pois foi quando Aichhorn publicou seu livro, *Juventude desorientada* (1925), e Abraham seu artigo, *The history of a swindler*³ (1925). Enquanto Aichhorn extraiu seu conhecimento de muitos anos de observação e do tratamento de numerosos casos, Abraham baseou seus achados psicanalíticos no estudo de um único psicopata de um certo tipo. O artigo de Abraham continua sendo um dos clássicos da literatura psicanalítica. Seguindo seu exemplo, considero especialmente valioso distinguir entre as muitas variedades de personalidade psicopática um tipo particular e tentar entendê-lo. O tipo que escolhi é o impostor. Vou me restringir ao tipo não dramático de impostor e deixar os outros – mais fascinantes – para uma publicação posterior.

Há cerca de vinte anos, o chefe de uma grande instituição para o tratamento de delinquentes juvenis persuadiu-me a me interessar por um rapaz de quatorze anos e, se possível, levá-lo a análise. O menino vinha de uma família extremamente respeitável. Seu pai, um magnata dos negócios, era um conhecido filantropo para quem a instituição estava em dívida por uma grande ajuda financeira. Um típico homem de negócios americano, totalmente comprometido com os aspectos financeiros da vida. Sua sinceridade e altruísmo lhe deram uma dignidade que todos respeitavam. Ele nunca fingiu ser algo que não era, e sua perspicácia comercial era acompanhada por um grande senso de responsabilidade social. Filho de um clérigo luterano pobre, as maneiras e a moral de seu pai devoto estavam enraizadas em seu caráter.

O trabalho árduo deste pai, a perseverança e – a julgar pela sua reputação – a sua genialidade financeira o tornaram um dos homens mais ricos da comunidade. Ele adorava enfatizar que era um *self-made man*, e sua grande ambição era deixar seu próspero negócio para seus filhos, para maior expansão. Em casa era um tirano que fazia todos tremerem e sujeitarem-se ao seu comando. A esposa era uma mulher simples de uma família pobre, não muito bonita, não dotada de qualquer tipo de talento. Ele simplesmente se casara com uma companheira de quarto obediente e dona de casa, deixava-a compartilhar seus bens materiais e, em parte, sua proeminência social, e dava apoio financeiro a vários membros da família dela.

Jimmy, o paciente, nasceu mais tarde no casamento. Em seu nascimento, seu irmão mais velho tinha onze anos, o seguinte, dez. A mãe, sempre ansiosa, mas amorosa e carinhosa, dedicou-se completamente ao filho mais novo. Ela lhe fazia todas as vontades, seu principal interesse era agradá-lo. Todos os seus desejos eram cumpridos, e qualquer expressão de desagrado era uma ordem para

³ N.T.: *A história de um vigarista* em tradução livre.

proporcionar novos prazeres. Em tal atmosfera, narcisismo e passividade estavam fadados a florescer. Esses foram os pilares, os poderosos fatores predisponentes para o desenvolvimento do menino. Os irmãos em crescimento encorajaram a mãe a esta indulgência, e para eles o menininho era um brinquedo querido para quem tudo era dado sem esperar nada em troca.

O pai não se preocupou com o menino durante os primeiros três ou quatro anos de sua vida. Naquele período, Jimmy escapou da tirania paterna, e a batalha dos irmãos mais velhos contra o déspota ocorreu fora da esfera de vida do menino. Quando os dois rapazes mais velhos entraram na adolescência, esta batalha tornou-se mais intensa e terminou em plena rebelião. O irmão mais novo, um rapaz introvertido, inclinado para as *Artes*, saiu de casa para um colégio interno; o mais velho, com talento para mecânica, logo se tornou independente e deixou a família.

O pai não era homem de aceitar derrotas. Ele simplesmente renunciou aos filhos mais velhos e com sua energia ilimitada voltou-se para o mais novo, transferindo assim o menino do cuidado de sua mãe para o dele. Aposentou-se parcialmente dos negócios, mas continuou suas atividades financeiras e filantrópicas a partir de casa. Jimmy, então com quatro anos de idade, passava a maior parte do dia com o pai e ouvia suas conversas com visitantes que eram todos em posições subordinadas ao pai e, em muitos casos, financeiramente dependentes dele. O pai se tornou para ele um gigante, e o menino reagia com certa ansiedade, mas também com sinais positivos de aceitação aos esforços de seu pai em torná-lo ativo e agressivo e em despertar nele interesses intelectuais. Uma forte unidade se desenvolveu, e o processo de identificação do menino com o pai, que este havia mobilizado, estava em pleno desenvolvimento.

Quando Jimmy tinha sete anos, seu pai tornou-se vítima de uma doença crônica grave, resultando em cinco anos de invalidez, período em que viveu em casa em uma ala distante da parte central da casa. Se esta doença era tuberculose pulmonar ou abscesso pulmonar, nunca ficou claro. O menino via muito pouco seu pai, e a lembrança mais vívida dessa doença era o escarro malcheiroso de seu pai. De acordo com o relato de Jimmy, seu pai permanecia vivo apenas para cuspir e cheirar mal. Mais ou menos nessa época, uma mudança ocorreu em Jimmy. Ele desenvolveu uma condição que parece ter sido uma depressão verdadeira. Parou de brincar, comia pouco e não se interessava por nada. Então – de uma forma notável – tornou-se muito agressivo, tiranizava a mãe e tentava dominar seus irmãos. Sua primeira evasão foi fugir para um bosque próximo e se recusar a voltar para casa. Ele criou para si mesmo um mundo de fantasia e descreveu, de maneira pseudológica, seus feitos heroicos e os eventos incomuns em que desempenhara papel proeminente. Essas pseudologias, típicas de sua idade, podem muito bem

ter sido as precursoras das ações futuras de Jimmy. Enquanto sua mãe – em prol da paz e para não perturbar o pai doente – continuava cedendo a ele em tudo, seus irmãos agora o ridicularizavam e o relegavam ao papel de *pequeno ninguém*.

No decorrer dos anos seguintes, Jimmy teve algumas dificuldades na escola. Embora fosse inteligente e aprendesse rápido, achava difícil aceitar a disciplina, não fazia amigos de verdade, era malicioso e agressivo, sem desenvolver qualquer atividade que valesse a pena – um bobão covarde, como se autotranspunha. Como o nome do pai tinha peso na comunidade, Jimmy sentia, com uma certa razão, que nada poderia acontecer com ele, o filho de seu pai. Ele ainda não era culpado de atos antissociais, nem mesmo de roubo infantil.

Quando ele tinha doze anos, aquele pai que uma vez amara morreu. Jimmy não sentiu nenhum pesar. Sua reação manifestou-se em crescentes demandas narcisistas, na desvalorização de toda e qualquer autoridade e em uma espécie de triunfo agressivo: “Eu sou livre – posso fazer o que quiser”. Logo depois, seus atos antissociais começaram a ocorrer.

Antes de discutirmos sua patologia, vamos dizer algumas palavras sobre o relacionamento desse menino com seu pai, que sofreu uma ruptura tão súbita. Nessa aliança com o pai, que começou em seu quinto ano, o menininho mimado e passivo tornou-se em parte apêndice do pai. A identificação com o pai poderoso criou uma situação na qual o Ego foi simultaneamente enfraquecido e fortalecido. Quando ele estava em competição com o pai, ele foi forçado a se sentir pequeno e fraco; mas, quando aceitou como critério de seu próprio valor o veredicto de seu pai – “Você é meu menino maravilhoso” – e seus planos para o futuro – “Você será meu sucessor” –, então o autoconceito e a imagem egoica de Jimmy se assemelharam a seu pai maravilhoso, e seu narcisismo – originalmente cultivado por sua mãe – recebeu novos poderes oriundos de seu relacionamento com o pai. Em seu sétimo ou oitavo ano, Jimmy perdeu este pai *maravilhoso* (ainda não pela morte, mas por desvalorização), e sua própria concepção de si mesmo como um *menino maravilhoso* sofreu um duro golpe.

Os eventos de anos posteriores deram-me maior entendimento quanto ao que havia acontecido naquele período tão precioso para ele. Conforme mencionei, vi Jimmy pela primeira vez quando tinha quatorze anos.

Primeira fase do tratamento

Eu estava determinada a resistir a aceitar Jimmy para tratamento. Eu nunca tinha tido nenhuma experiência em tratar delinquentes juvenis, associando tais

casos com Aichhorn e sua escola, que eu considerava fora da minha seara. Cedi, no entanto, à pressão da mãe do menino, a quem eu conhecia e respeitava, e às súplicas dos chefes da instituição social. Por conta da incerteza da minha abordagem e diferente de meu hábito, tomei nota do comportamento de Jimmy. Estas anotações contêm os resultados de quatro a seis entrevistas. Na época, elas pareciam um pouco estéreis para mim; no entanto, considerando-as à luz de *insights* posteriores, são extraordinariamente esclarecedoras. As entrevistas ocorreram em 1935.

Jimmy era um jovem psicopata típico. Ele era cada vez mais incapaz de se submeter à disciplina da escola. Havia um padrão repetitivo em sua atuação patológica. De início, cedeu e foi bastante bem; depois de algum tempo, tornou-se insolente e rebelde para com seus superiores, seduziu seus amigos para quebrarem a disciplina, tentou impressioná-los com a extravagância de seus gastos financeiros e começou discussões e brigas apenas para fugir covardemente, sendo ridicularizado por seus companheiros. Falsificou cheques com a assinatura da mãe ou do irmão mais velho, e perturbou a escola e a vizinhança com suas transgressões. Toda tentativa de promover sua adaptação, mudando de escola, terminava em evasão. Em relação a mim, ele se comportou de maneira muito arrogante. Com uma óbvia falta de respeito, afirmou que não tinha vindo por sua própria vontade. Dizia que nada estava errado com ele; que eram os outros que se beneficiariam de tratamento.

Ele admitiu que tinha novamente fugido da escola, e que isso havia sido ruim para ele, e insistiu que o início de seu problema fora quando ele começou a “crescer muito rápido”. Ele queria permanecer um menininho; quando pequeno, era o animalzinho de estimação de seu pai. Seu pai costumava dizer: “Espere até você crescer: nós [pai e ele] vamos mostrar ao mundo”.

Jimmy reclamava que os meninos riam dele; mas “Você sabe”, ele disse, “eu posso me defender”. Às vezes ele era sincero e admitia que essencialmente era indefeso e fraco: “Você sabe, eles nunca me levaram a sério em casa. Para meus irmãos mais velhos, eu era uma espécie de marionete, uma piada. Eu sempre fui uma criança cujas ideias não contavam e cujo desempenho era risível”.

Na escola era como em casa. Ele teve dificuldades porque não aprender significava mostrá-las. “Eu posso fazer o que eu quero e não tenho que obedecer”. Ele esquecia tudo o que aprendia, então “Por que aprender”, ele perguntava, “se eu esqueço?” Ele me disse que seu pai tinha amaldiçoado seus irmãos: “Mostrarei a eles”, o pai haveria dito, “eles vão acabar na sarjeta sem minha ajuda”. Mas para o pai Jimmy era diferente: o pai colocou todas as suas esperanças nele. Quando pequeno, ele sentia que nada poderia lhe acontecer porque seu pai era muito poderoso. Tudo estava sujeito ao pai, e juntos eles eram aliados contra todas as influências hostis. A doença do pai mudou tudo isso. A grande promessa, *nós lhes*

mostraremos, não poderia ser resgatada. Os irmãos agora eram mais fortes que ele. Eles o ridicularizavam, e ele estava esperando para ser adulto; então ele lhes mostraria!

Na escola sempre foi a mesma história. Os professores e especialmente os diretores não prestavam. Eles fingiam ser algo que não eram. Claro que ele não queria obedecer-lhes. Ele sabia pelo menos tanto quanto eles, mas eles se recusavam a reconhecer isso. Os meninos não prestavam. Alguns até talvez prestassem, mas eram levados pelos outros. E tudo isso era instigado de cima, porque *eles* sabiam que ele não deixaria que tirassem vantagem dele.

Nesse curto período de observação, percebi que Jimmy estava furioso por não ser reconhecido como alguém especial; algumas de suas queixas tinham um caráter anormal e paranoico.

Durante nossas sessões, Jimmy se fazia de herói destemido, mas sem nenhum traço de emoção. Tinha-se a impressão de grande vazio afetivo nele. Todos os seus atos antissociais eram seus meios de mostrar que ele era especial. Roubo, dívidas eram formas de obter dinheiro para o objetivo, digamos, de comprar gratificações narcísicas. Ele se rebelava contra toda autoridade e a desvalorizava. No momento em que percebeu que os métodos que empregava já não sustentavam seu prestígio, seu descontentamento rapidamente cresceu e o afastou.

Comigo ele era despótico, arrogante e convencido. Um dia ele veio com a pergunta: “Você é freudiana?” Ele então continuou, de maneira não inteligente, a me ensinar sobre análise com palavras-chave que tinha ouvido, ou observações baseadas em títulos que vira. Por exemplo: “Aquela coisa sobre civilização é particularmente idiota” ou “O velho [referindo-se a Freud] nem é médico”. Quando tentei mostrar a ele que, afinal, ele não sabia nada e que eu acreditava que ele falava tão de cima porque estava com medo, parou de vir – como de costume, uma fuga.

Ele apresentava esta imagem tão típica de delinquente juvenil, que fiquei preocupada com seu futuro, imaginando se ele acabaria se tornando um criminoso. Sua falta de afeto, incapacidade de formar relacionamentos humanos e ideias paranoides me levaram a considerar a possibilidade de uma esquizofrenia incipiente.

Segunda fase do tratamento

Não vi Jimmy por oito anos, mas permaneci em contato com várias pessoas próximas a ele. Algumas das notícias sobre ele eram encorajadoras. No entanto, ele confrontava os que o rodeavam com um problema após o outro. Estas eram fugas em um sentido mais adulto. Aceitou empregos que não manteve, responsabilidades que

não conseguiu cumprir. Fazia promessas e não cumpria, com graves consequências para si e para os outros. Assumia compromissos financeiros, mas os negligenciava de tal forma que resultavam em fracasso. Provocava situações perigosas não só para si mesmo, mas também para aqueles que havia seduzido para essas situações com falsas promessas, que para ele, no entanto, eram reais. Até o momento em que atingiu a maioridade, seus delitos foram considerados indiscrições juvenis, pelos administradores legais da herança. Aos vinte e um anos, resolveu que era financeiramente independente e já havia assumido compromissos financeiros nos empreendimentos mais extravagantes, quando, para sua fúria, foi colocado sob tutela legal.

Com sua bravata costumeira, Jimmy voluntariou para o serviço militar durante a guerra. Apresentou-se em sua motocicleta nova e brilhante. Logo ele era o centro de admiração entre seus companheiros. Nem ele nem eles tinham qualquer dúvida de que se tornaria um dos heróis da guerra. Afinal de contas, ele se oferecera para proteger sua pátria, e seus gastos excessivos, suas sugestões de conexões com autoridades militares não deixavam dúvidas de que ele era alguém muito especial. Nessa atmosfera ele floresceu, até que um dia chegou a notícia de que um oficial comandante, conhecido por sua rígida autoridade, compareceria à inspeção. Jimmy tinha orientação suficiente dentro da realidade para perceber que não se pode enganar as autoridades militares. O *herói* se transformou em fujão. No entanto, na vida militar isso não é tão fácil. Não se deserta, como se faz na vida civil sob as bênçãos de uma família que aprova. Pelo contrário, há punição por tais ações, e Jimmy nunca poderia tolerar a punição. Ele teve um ataque de ansiedade – que foi verdadeiro – e um estado delirante – que não foi. Foi declarado doente, levado para um hospital e de lá foi mandado para casa.

A ansiedade havia sido real, e seu medo o assustava. Seu sonho de ser herói foi esfaqueado. É bem possível que, em circunstâncias mais favoráveis, Jimmy, como tantos outros heróis de guerras e revoluções, pudesse ter feito sua patologia servir a uma carreira gloriosa. Agora ele lembrava que há muitos anos uma mulher havia previsto exatamente esse tipo de medo, e ele veio direto a mim em busca de ajuda.

Ele esteve em análise, digamos, durante oito anos, embora fosse mais uma terapia de apoio. O sucesso desse tratamento, ainda que limitado, era importante para ele. Durante esse período, presenciei muitos episódios de sua atuação patológica e ganhei alguns *insights* em relação a ela. O que o manteve em tratamento, no entanto, foi sua ansiedade, que aumentara desde o episódio da guerra. Era evidente que a função defensiva de sua atuação fora suficientemente ameaçada pela realidade, que já não era adequada para manter perigos internos sob controle.

Durante os oito anos que se passaram desde o meu primeiro contato com Jimmy, ele havia passado pelo ensino médio e pela escola preparatória graças aos esforços combinados de tutores, professores, conselheiros, o chefe da clínica de orientação infantil e seus gerentes financeiros. Conseguiram até que ele fosse admitido em uma faculdade, onde ficou por meio ano. Sua inteligência e capacidade de compreender as coisas rapidamente tinham, é claro, ajudado, mas ele não conseguia ir além disso. Seu narcisismo não lhe permitia ser um entre muitos; seu amor-próprio só podia ser nutrido por sentir-se único. Esse desejo de *ser único* não o tornava, no entanto, uma personalidade solitária e esquizoide. Ele era orientado para a realidade, que para ele era um palco no qual ele estava destinado a desempenhar o papel principal com o resto da humanidade como uma plateia admiradora. Não havia para ele relações humanas, nem laços emocionais que não tivessem gratificação narcisista como meta. Seu contato com a realidade foi mantido, mas não foi a libido objetal que formou a ponte para ele. Estava sempre ativo e cercava-se de pessoas; enviava *pseudópodos*, mas apenas para recolhê-los carregados de presentes do mundo exterior.

Depois que Jimmy deixou a faculdade, foi necessário encontrar um emprego para ele, para estabelecê-lo em algum campo de trabalho. Todas as tentativas disso obviamente falharam. Como em seus dias de escola, ele não podia tolerar autoridade, e não tinha capacidade para esforço contínuo. O sucesso tinha que ser imediato; ele tinha que desempenhar o papel principal desde o início. Decidiu se tornar fazendeiro. Uma fazenda foi comprada para ele, e ele trabalhou diligentemente no planejamento para a fazenda. O trabalho preliminar foi feito, o gado estava no galpão, e Jimmy até se comportava como uma pessoa socialmente responsável. Criou vários empregos na fazenda para seus ex-companheiros; o fato de que eles sabiam tão pouco sobre agronegócio quanto ele era para ele irrelevante. Sua adaptação à realidade chegara ao fim, e o empreendimento estava fadado ao fracasso. Jimmy, no entanto, adquiriu uma elegante roupa rural, garantiu que suas roupas ficassem cobertas de cheiros de galpão, tingiu os cabelos e sobrancelhas de loiro e apareceu entre um grupo de antigos conhecidos em um restaurante de Nova York como um cavalheiro rural. Seu projeto da fazenda logo enfrentou várias dificuldades, e seus protegidos o abandonaram; ele tinha dívidas, e a ruína financeira parecia iminente, quando seus tutores vieram em seu socorro, e ele foi salvo por sua fortuna.

Em outro episódio, Jimmy era um grande escritor. Aqui seu pseudocontato com outros era ainda mais intenso. Ele presidiu uma espécie de salão literário onde os intelectuais se reuniam em torno de sua lareira, com Jimmy no centro. Contos eram sua especialidade, pois, é claro, ele não tinha capacidade para criatividade

paciente e prolongada. Ele sabia como tornar a vida tão agradável para seus admiradores literários, que eles permaneciam dentro de seu círculo. Ele até atraiu vários escritores conhecidos para sua órbita. Ele já se visualizava como um grande escritor e trouxe uma amostra de sua produtividade para eu ler. Quando eu pareci um pouco crítica (sua escrita era pretensiosa e sem originalidade), ele ficou furioso e me disse que eu simplesmente não entendia a literatura moderna.

Ele logo desistiu de sua carreira literária para se tornar produtor de cinema. Fez conexões com homens na indústria cinematográfica e gastou quantias consideráveis de dinheiro, mas o resultado foi sempre o mesmo. Uma vez se tornou inventor e até conseguiu inventar algumas pequenas coisas. Era fascinante observar o grande barulho em torno dessas pequenas invenções e como ele as usava para parecer um gênio para si mesmo e para os outros. Ele tinha cartões impressos com a identificação *inventor* e montou um laboratório para desenvolver suas invenções. Desta vez, escolheu como seu colaborador um físico experiente e, em pouco tempo, conseguiu convencer esse homem de que Jimmy era um gênio. Com habilidade incomum, criou uma atmosfera na qual o físico estava convencido de que suas próprias realizações foram inspiradas por Jimmy, o gênio. Sua simulação de que ele era um gênio era muitas vezes tão convincente, que os outros ficavam convencidos por um curto período de tempo. A autoestima de Jimmy era tão insuflada por essas reações de seu ambiente, que ocasionalmente ele conseguia realizar coisas que em certa medida justificavam a admiração que ele mesmo gerara.

No curso de seu tratamento, consegui fazer Jimmy completar a faculdade. Seu sucesso em impressionar temporariamente seus professores como um aluno fantástico de filosofia era quase uma farsa. Na verdade, ele sabia pouco além dos títulos e dos comentários nas capas dos livros; mas com isso conseguia se engajar por horas em discussões, e levou algum tempo até ser exposto. Nessas atividades, Jimmy não nos impressionava como um verdadeiro impostor. Suas transformações de *pseudoimpostor* em impostor real eram apenas transitórias. Por exemplo, ele fez certos contatos usando o nome do colaborador acima mencionado; outra vez alterou seu nome de tal forma, que era quase idêntico ao nome de uma celebridade em um determinado campo. Ele não era um impostor extravagante; suas farsas eram sempre próximas da realidade, mas ainda assim uma farsa. Para fins de comparação, pode servir resumir brevemente as histórias de impostores que estão intimamente relacionadas com o tipo descrito. Eles diferem apenas quanto à estabilidade de seus papéis escolhidos. Um exemplo fascinante é o caso bem conhecido de Ferdinand Demara, que foi muito discutido há vários anos (McCarthy, 1952). Depois de fugir de casa, Demara tornou-se sucessivamente professor de psicologia, monge, soldado, marinheiro, xerife substituto, psiquiatra e cirurgião – sempre usando o

nome de outro homem. Com esperteza e habilidade quase inacreditáveis, cada vez ele obtinha as credenciais de um especialista, e utilizava o conhecimento adquirido *ad hoc* de forma tão brilhante, que era capaz de perpetrar suas fraudes com total sucesso. Era sempre *por acaso*, nunca através de erros que ele havia cometido, que era exposto como impostor. Em sua própria opinião, ele era um homem genial para quem não era necessário adquirir conhecimento acadêmico através de estudos prolongados, mas era capaz de conseguir qualquer coisa, graças ao seu gênio inato.

Lendo sua história de vida, vê-se que ele estava eternamente em busca de uma identidade que fizesse justiça à sua concepção narcísica de si mesmo em termos de *eu sou um gênio*, e que ao mesmo tempo servisse para negar sua própria identidade. Essa negação de sua própria identidade parece-me ser o principal motivo de suas ações, como é o caso de outros impostores. No decorrer de seu disfarce, Demara fez muito trabalho competente e pôde desfrutar de seus sucessos. Seus pais queriam pagar a faculdade de medicina, mas ele nunca se interessou por um modo de vida convencional. Quando entrevistado por repórteres, reconheceu sua enorme ambição e sua necessidade de tomar atalhos. Declarou que gostaria de usar seu próprio nome para variar, mas que não poderia, por tudo o que havia acontecido. Sempre que Demara retomava suas atividades, pode-se presumir que só seria possível sob um nome usurpado, ou não seria possível. Sua declaração de que não poderia usar seu próprio nome – por mais racional que possa parecer – é, no entanto, a expressão de um motivo mais profundo.

Outro famoso impostor de anos recentes é o “físico” Hewitt, que, sob o nome de Dr. Derry, começou a ensinar física teórica, matemática e engenharia elétrica em inúmeras universidades com grande sucesso, sem nunca ter concluído o ensino médio (Brean, 1954). Como Jimmy, ele às vezes usava seu próprio nome, mas, novamente como Jimmy, sob tinturas falsas. Ele personificava dois doutores reais em física, disfarçado como um homem conhecido nacionalmente, e assumiu posições de responsabilidade sob vários nomes. Ele havia sido desmascarado duas vezes, ainda assim tentou novamente alcançar sucesso sob o nome de outro físico.

Na história de vida de Hewitt, há muitas analogias com a história de Jimmy. A necessidade de admiração de Hewitt era tão grande quanto a de Jimmy, e o motivo narcisista por trás de seus disfarces era igualmente evidente. No início de sua carreira como impostor, Hewitt era um pouco inseguro; mas, quando se viu sendo admirado, sua personalidade desenvolveu sua plena capacidade. Ele foi capaz de criar para si uma atmosfera de poder e prestígio. Quando sentiu que seu disfarce estava se tornando perigoso demais, abandonou o projeto, mudou de nome e assumiu outro disfarce, que se tornou uma nova fonte de satisfação narcisista. Às vezes ele se via frente a uma oportunidade de trabalhar usando seu próprio

nome, uma vez que era um homem talentoso e realmente brilhante, que poderia ter tido uma carreira de sucesso. Sempre recusava tais ofertas: ele só podia trabalhar sob outro nome, numa atmosfera de tensão, na situação precária da exposição iminente. Como Jimmy, ele se considerava um gênio e cultivava situações em que seria exposto como a contrapartida de um gênio – um mentiroso, um impostor.

Demara, Hewitt e Jimmy parecem ser vítimas do mesmo processo patológico do ego; apenas o nível de seu funcionamento é diferente. Demara mudava os objetos de suas identificações, talvez porque era movido pelo medo iminente de ser desmascarado. Os objetos cujos nomes ele tomava emprestado temporariamente correspondiam ao seu elevado Ideal de Ego, e ele conseguia se manter no nível alto dos homens que personificava. Seus múltiplos talentos e sua inteligência eram imensos, sua capacidade de sublimação pouco prejudicada. Não foi falta de habilidade, mas psicopatologia que fez dele um impostor.

Hewitt tinha um Ideal de Ego muito mais consolidado. Seu interesse era desde o início direcionado para a física, seu talento nesse sentido até fez dele uma criança prodígio; seu caminho estava determinado. Porém, ele rejeitou qualquer sucesso que pudesse alcançar realisticamente através de trabalho e perseverança usando seu próprio nome, e preferiu fingir sob a máscara do nome de um estranho. Os objetos de sua identificação eram físicos de renome, homens que já eram o que ele gostaria de se tornar. Neste, como nos outros casos, considero a incapacidade de aceitar as demandas impostas pela disciplina do estudo e a falta de perseverança como um motivo secundário para se tornar um impostor.

Jimmy, em seu esforço por um Ideal de Ego, parece-nos uma caricatura de Demara e Hewitt. Diferente deles, era incapaz de encontrar objetos de identificação bem-sucedida, pois sua capacidade limitada de sublimação e sua falta de talento tornavam isso impossível para ele. Conseguia satisfazer suas fantasias de grandeza apenas em atuações ingênuas, fingindo que estava realmente de acordo com seu Ideal de Ego. Olhando mais de perto, fiquei impressionada com a semelhança entre sua atuação e a encenação de meninas na pré-adolescência.

Várias identificações que mais tarde na puberdade podem ser explicadas como mecanismos de defesa e que encontramos em personalidades esquizoides, como expressões de um transtorno emocional patológico, comprovam, em uma inspeção mais próxima, ter um caráter específico na pré-adolescência. Nos lembram fortemente brincadeiras de crianças pequenas, e parecem ser uma ‘atuação’ daqueles desejos transitórios e conscientes que expressam a ideia, “É assim que eu quero ser”. Vale ressaltar que essa atuação tem um caráter concreto e real, diferente do mero fantasiar (Deutsch, 1944, p. 9).

Jimmy também atuava seus ideais transitórios, que nunca se estabeleciam completamente. Comparado com os pacientes psicopatas da Dra. Greenacre (1952, p. 167), os ideais de Jimmy não tinham o caráter de grandiosidade mágica, nem eram tão desconectados da realidade. Bem ao contrário, Jimmy sempre se voltava para a realidade exterior para satisfazer suas necessidades narcísicas. Seu vazio e a falta de individualidade em sua vida emocional e estrutura moral nos lembram também as personalidades *como se* (Deutsch, 1942). Diferente destes, o Ego de Jimmy não se dissolvia em inúmeras identificações com objetos externos. Ao contrário, ele procurava impor aos outros a crença em sua grandiosidade, e frequentemente tinha sucesso. Suas únicas identificações eram com objetos que correspondiam ao seu Ideal de Ego – exatamente como o impostor Hewitt, só que em um nível mais infantil. Outra diferença é que os pacientes *como se* não estão conscientes de seu transtorno, enquanto Jimmy, ao mesmo tempo em que fingia firmemente ser o que fingia ser, perguntava-me reiteradamente, às vezes desesperado: “Quem sou eu? Você pode me dizer?”

Apesar dessas diferenças individuais entre os vários tipos, eu acredito que todos os impostores têm isso em comum: eles assumem as identidades de outros homens não porque eles mesmos não tenham capacidade de triunfar, mas porque têm de se esconder sob um nome estranho para materializar uma fantasia mais ou menos adaptada à realidade. Parece-me que o Ego do impostor, como é expresso em seu nome verdadeiro, é desvalorizado, cheio de culpa. Portanto, ele deve usurpar o nome de um indivíduo que preencha os requisitos de seu próprio Ideal de Ego magnífico. Mais tarde, veremos que o medo de Jimmy de ser desmascarado como impostor aumentou quando ele começou a ter sucesso sob seu próprio nome e figura.

Enquanto seu tratamento prosseguia, os medos de Jimmy aumentavam à medida que sua atuação diminuía. Com essa mudança de comportamento, ele entrou em uma nova fase em sua terapia: a fase da ansiedade. Foi essa fase que revelou mais da natureza do processo. No entanto, isso não significa que a fase de atuação estivesse isenta de ansiedade. Foi a ansiedade que o trouxe até mim, e a ansiedade o manteve comigo. Sua ansiedade crescente assumiu um caráter mais hipocondríaco. Ele examinava seu corpo, seu pulso, etc., e queria ter certeza de que um médico estaria acessível. Não foi difícil supor que um homem, cuja personalidade era limitada por uma identificação malsucedida com seu pai, repetisse a doença do pai em sintomas hipocondríacos.

Aos poucos, Jimmy abandonou sua atuação grotesca, e seu comportamento tornou-se cada vez mais realista. Primeiro, fundou um instituto para invenções. Este projeto ainda estava consoante com a sua fantasia de ser um grande inventor. Como se associara a um amigo que, apesar de sua crença ingênua em Jimmy,

era realmente dotado cientificamente e já havia alcançado reconhecimento, e em função das somas consideráveis de dinheiro disponíveis, Jimmy gradualmente conseguiu adquirir um empreendimento já em andamento. Aqui, pela primeira vez em sua vida, ele funcionou bem e desfrutou de um certo respeito sólido. Limitou sua atuação a fundar uma colônia para artistas onde desempenhava o papel de “brilhante conhecedor de arte”; também montou uma espécie de *altar* para si próprio em casa. Ele casou com uma moça com personalidade infantil, que acreditava cegamente em seu “gênio” e o adorava. Quando ela começou a ter dúvidas, ele simplesmente a mandou embora e ameaçou-a com o divórcio. Amor ele nunca vivenciou; mesmo de seus filhos esperava gratificações para seu narcisismo e os odiava quando falhavam com relação a isso.

A condição que agora nos confrontava parecia paradoxal: quanto mais eficazmente ele funcionava na realidade, mais ansiedade desenvolvia. Nos dias em que realmente tinha sido um vigarista, nunca temeu exposição. Agora que trabalhava mais honestamente e fingia menos, era torturado pelo medo de que seu engodo pudesse ser descoberto. Sentia-se um impostor em seu novo papel: o de fazer um trabalho honesto. Obviamente, permaneceu um impostor; afinal, e em seu sucesso pessoal muito real, ele agora tinha uma percepção interna de sua inferioridade. No começo, tínhamos a suspeita de que Jimmy sempre temia sua própria inferioridade e que ele estava escondendo sua ansiedade por trás de um ideal de ego insuflado. Agora podia ser melhor entendido por que ele perguntava por sua identidade, por que ele tinha o sentimento despersonalizado: “Quem sou eu verdadeiramente?”. Nisto ele nos lembra aqueles indivíduos mais ou menos neuróticos que, tendo alcançado sucesso, vivenciam como Jimmy a dolorosa sensação “Eu sou um impostor”, oriunda da mesma motivação interior.

As ansiedades de Jimmy gradualmente adquiriram um caráter fóbico. Suas atividades profissionais eram impedidas pelo medo de sair da cidade e de estar muito longe de casa. Isto evidentemente representava um mecanismo contrafóbico contra seu comportamento de fuga anterior.

Assim, podemos falar de um certo sucesso em seu tratamento, que nunca foi uma psicanálise. Nos meus quarenta anos de prática, nunca vi um paciente tão pouco capaz de fazer transferências quanto Jimmy. Ele e eu às vezes falávamos de *terapia de ar quente*, pois eu chamava sua atuação de grandiosidade de *ar quente*, até que perdeu valor. Ao mesmo tempo, apelava ao seu narcisismo para mostrar-lhe o que ele realmente poderia alcançar. Dessa forma, continuamos por oito anos. Cerca de dois anos atrás, passei-o a um colega que continua a terapia.

Reverendo o comportamento patológico de Jimmy cronologicamente, torna-se clara a conexão entre sua delinquência pré-adolescente e sua posterior atuação.

Pela frase que ele usou quando veio me ver aos quatorze anos de idade, “Eu me tornei adulto muito rápido”, ele quis dizer que ainda não se sentia capaz de desempenhar o papel que seu pai havia designado para ele quando fosse adulto. Seu ideal elevado de ego, cultivado pelo pai e uma identificação com o *grande pai*, não lhe permitiam – apesar de um certo grau de *insight* – esperar que ocorresse o processo de crescimento. Ele exigia que o mundo o tratasse não de acordo com suas conquistas, mas de acordo com seu ideal exaltado de Ego. A recusa de seu ambiente em fazê-lo era um ataque a si próprio, à sua grandiosidade, a seu ideal de Ego. Esse sentimento de que elementos hostis estavam alinhados contra ele cresceu, às vezes em reações paranoides. Ele respondia a esses insultos de uma forma que o levava ao limite do comportamento criminoso real; mas, quando começava a se sentir derrotado, fugia.

Talvez, se tivesse tido bastante agressão à sua disposição, teria continuado sua carreira como criminoso. Apelar à sua consciência era infrutífero, pois, afinal, ele se considerava uma vítima, e suas ações, autodefesa. Talvez isso seja verdade para todos os delinquentes juvenis. A injustiça social e o desejo de se vingar disso muitas vezes são dados como razão para comportamento delincente. No caso de Jimmy, tal racionalização não poderia ser usada.

Sua passividade o levou em outra direção. Em vez de lutar por seus “direitos” narcisistas, ele encontrou métodos menos perigosos e mais regressivos de afirmar seu Ideal de Ego. O que ele não era, ele poderia se tornar fingindo. Somente quando isso se tornou impossível para ele – primeiro através da realidade externa (o exército), depois através do tratamento – foi dominado pela ansiedade e por sentimentos de inferioridade, e então se pode perceber a função defensiva de seu comportamento patológico.

Suspeitamos que Demara e Hewitt, os outros dois impostores mencionados, também escondiam tal Ego por meio da identificação com o Ego de outra pessoa, de uma forma que poderia ser chamado de *Ego não-Ego*. Nesses casos de uma impostura mais solidamente construída, a ansiedade interna é parcialmente projetada para fora, e o impostor vive em medo eterno de ser descoberto. Jimmy não temia essa descoberta, pois não havia assumido o nome de outra pessoa. O que o apavorava era que, se sua farsa fosse desmascarada, ririam dele, já que havia sido ridicularizado pelos irmãos e mais tarde pelos colegas de escola. Ele desenvolveu ansiedade real somente quando desistiu de fingir, de modo que tanto ele como os outros foram confrontados com o seu verdadeiro Ego.

Vamos considerar as causas da patologia de Jimmy: Dra. Greenacre (1952) – concordando com outros escritores – encontra fatores etiológicos na privação emocional de psicopatas e delinquentes. Sua ênfase repousa na combinação de

indulgência e severidade por parte das figuras parentais; isso está de acordo com a concepção de Wilhelm Reich (1933) sobre a estrutura de caráter do psicopata. O clima emocional da infância de Jimmy era diferente, mas evidentemente não menos desastroso. Enquanto o paciente da Dra. Greenacre era emocionalmente privado, Jimmy era afogado em amor materno. Eu conhecia muito bem a mãe e sei que ela era uma dessas mães masoquistas que, amorosas e afetuosas, se submetem completamente para o benefício dos outros. Ela era uma vítima masoquista, não só do pai despótico, mas também de seus filhos, especialmente Jimmy. Cada desejo de seu último filho era concedido. Qualquer esforço ativo que ele fizesse era paralisado por um ceder precoce; qualquer necessidade de conquistar e doar era sufocada pela iniciativa amorosa da mãe em atender às demandas dele.

Acredito que a superalimentação emocional de uma criança é capaz de produzir os mesmos resultados que a frustração emocional. Contribui para aumentar o narcisismo infantil, torna mais difícil a adaptação à realidade e as relações com objetos. Cria intolerância à frustração, enfraquece a capacidade do Ego de desenvolver defesas construtivas e é em grande medida responsável por passividade.

O relacionamento de Jimmy com o pai era muito adequado para fortalecer a predisposição criada pela mãe. A personalidade poderosa e despótica do pai contribuiu para a passividade de Jimmy, e o narcisismo do pai preparou o terreno para a identificação posterior fervorosa de Jimmy com ele.

Essas atitudes dos pais criaram uma predisposição para o desenvolvimento patológico do menino. Foi, porém, uma experiência traumática que ativou essa predisposição. A doença e o isolamento do pai causaram uma interrupção abrupta do processo normal de amadurecimento do Ego de Jimmy. A frustração decorrente do fato de que Jimmy não era mais capaz de sentir-se parte de um grande pai aleijou seu Ego, que ainda não era forte o suficiente para suportar o ataque brutal da separação. A conscientização forçada de seu Ego como distinto do de seu pai foi anacrônica em seu desenvolvimento. O processo normal de identificação ainda não chegara àquele grau de maturidade a partir do qual o desenvolvimento posterior teria sido possível.

Simultaneamente à separação do pai, veio a desvalorização daquela figura poderosa. Consequentemente, o caráter de sua identificação também sofreu uma mudança. O que até então fortalecera seu Ego não estava mais disponível. Com a desvalorização do pai, uma sombra caiu sobre seu próprio Ego identificado. O fato de que o evento traumático ocorreu na parte tardia da latência foi decisivo para a psicopatologia de Jimmy. Como sabemos, esse período é extremamente importante para o amadurecimento do aparato do Ego, para o estabelecimento de um Superego

menos rígido e para a capacidade de lidar com a realidade. Em um desenvolvimento normal, gradual, de um menino em latência, não ferido por trauma, Jimmy teria transferido sua identificação com o pai para outros objetos adequados. Seu Ego acabaria ficando pronto para assimilar as identificações para dentro do Eu e alcançar um grau confiável de estabilidade interna. Seu relacionamento sexual ambivalente com o pai teria cedido ao amor terno, e um caminho teria sido construído na direção da realidade e da formação de relações objetais constantes.

A força patogênica desse trauma deveu-se a dois fatores: primeiro, foi súbito; segundo, sua repetição diária durante os quatro anos que precederam a morte do pai. Como resultado, forças regressivas no Ego substituíram o progresso no desenvolvimento, e todo o processo de sublimação foi prejudicado.⁴ O menino era incapaz de empreendimentos com objetivos, uma vez que era incapaz de adiar o alcance de um objetivo. O fato de que seu relacionamento com o pai nunca se tornou dessexualizado foi revelado em suas fantasias masturbatórias de caráter passivo-feminino-masquista e em seus medos de homossexualidade. Seu relacionamento com a mãe ficou submerso em sua identificação com ela como o objeto sexual desvalorizado de seu pai. As manifestações dessa identificação podiam ser rastreadas desde suas recentes fantasias masturbatórias até o período da infância em que havia sido enurético (Michaels, 1955).

É interessante observar doença no que é comumente aceito como normal. O mundo está repleto de personalidades *como se*, e mais ainda de impostores e fingidores. Desde que comecei a me interessar pelo impostor, ele me persegue em todos os lugares. Eu o encontro entre meus amigos e conhecidos, assim como em mim mesma. A pequena Nancy, filha querida de três anos e meio de uma de minhas amigas, anda por aí com um ar de dignidade, segurando as mãos com força. Ao perguntar sobre essa atitude, ela explica: “Eu sou o anjo da guarda de Nancy e estou cuidando da pequena Nancy”. O pai dela perguntou o nome do anjo. “Nancy” foi a resposta orgulhosa desta pequena impostora.

Tendo me referido a “impostores normais”, devo esclarecer minha concepção do termo impostor. O impostor patológico trata de eliminar a fricção entre seu Ideal de Ego patologicamente exagerado e a outra parte desvalorizada, inferior, carregada de culpa de seu Ego, de uma maneira que é característica dele: ele se comporta como se seu Ideal de Ego fosse idêntico a ele próprio, e espera que todos os outros reconheçam esse status. Caso a voz interior de seu Ego desvalorizado, por um lado, e as reações do mundo exterior, por outro lado, o lembrem da irreabilidade de seu Ideal de Ego, ele ainda se agarra a essa posição narcisista. Ele

⁴ Há psicopatas dotados de grande capacidade de sublimação e criatividade, ainda que o funcionamento de seu Ego seja gravemente prejudicado.

tenta desesperadamente – fingindo e se escondendo sob o nome de outra pessoa – manter seu Ideal de Ego para impô-lo ao mundo, por assim dizer.

Um conflito semelhante, embora de forma mais branda, parece existir também na personalidade normal. No complexo desenvolvimento de um indivíduo normal, existem certas irregularidades, e raramente é possível alcançar uma harmonia bem-sucedida. Talvez a identidade entre o Ideal de Ego e o Ego seja alcançada apenas por santos, gênios ou psicóticos. Como o Ideal de Ego nunca pode ser completamente gratificado a partir de dentro, direcionamos nossas demandas para o mundo exterior, fingindo (como Jimmy) que realmente somos o que gostaríamos de ser. Com frequência encontramos reações paranoides em personalidades normais, que resultam do fato de que seu ambiente se recusou a aceitar uma impostura desse tipo.

Tanto a história como a literatura são ricas em impostores. A história de Thomas Mann (1954) sobre o impostor Felix Krull mostra o entendimento mais profundo desse tipo. É incrível considerar como o gênio psicológico de um escritor pode depreender intuitivamente *insights* aos quais chegamos trabalhosamente através do empirismo clínico. A passividade, o Ideal de Ego narcisista, a desvalorização da autoridade do pai e os processos complicados de identificação do impostor Felix Krull são muito bem entendidos por Mann; e até mesmo a profunda semelhança entre o pobre Krull e o rico e distinto príncipe, cujo nome e existência Krull, o impostor, assume, é bem entendida pelo escritor.

Desejo encerrar repetindo o que disse no início. O caso aqui discutido representa apenas um certo tipo de psicopata. Acredito que esta abordagem tipológica individual do grande problema da psicopatia possa ser muito proveitosa. □

Abstract

The impostor: contribution to the Ego psychology of a type of psychopath

The author describes and discusses a certain type of psychopathic personality, which she calls the *non-dramatic impostor type*. She retells Jimmy's treatment, which began in adolescence, at 14, and was resumed after an 8-year interruption. She describes the intense behavior symptoms, predominantly antisocial, presented by the patient, which began to be manifested in childhood, soon after the recovery of a depressive episode when he was around 7 years old, caused by the abrupt separation from the father, who secluded himself, victim of severe chronic illness. She discusses what she understands for the disorder of the *Ego Ideal*, which would

result in a devalued and guilty Ego, also establishing differences between the *impostor* and the *as-if* personalities. She emphasizes the importance of Jimmy's parents' personality traits as elements of his predisposition to a disturbed emotional development but above all the traumatic experience of his father's illness as the trigger for his personality psychopathology in adulthood.

Keywords: Psychopathy; Ego Ideal; Personality; *As-if*; Identification

Resumen

El impostor: contribución a la psicología del Ego de un tipo de psicópata

La autora describe y discute un tipo particular de personalidad psicopática, que se denomina *el impostor de tipo no dramático*. Relata el tratamiento de Jimmy, iniciado en la adolescencia, a los 14 años, y reanudado después de una interrupción de 8 años. Describe una intensa sintomatología de conducta, de naturaleza predominantemente antisocial, presentada por el paciente, la cual empezó a manifestarse aún en la infancia, a seguir de la recuperación de un episodio depresivo al rededor de sus 7 años, causado por la brusca separación del padre, que se aisló, víctima de una enfermedad crónica grave. Discute lo que entiende ser la patología del *Ideal del Ego*, que resultaría en un Ego desvalorizado y lleno de culpa, estableciendo también diferencias entre *el impostor* y las personalidades *como se*. Destaca la importancia de las características de personalidad de los padres de Jimmy como elementos de su predisposición a un desarrollo emocional perturbado, pero enfatiza primordialmente la vivencia traumática ocasionada por la enfermedad del padre como desencadenante de su psicopatología de personalidad en la vida adulta.

Palabras clave: Psicopatía; Ideal del Ego; Personalidad; *Como se*; Identificación

Referências

- Abraham, K. (1925). Die Geschichte eines Hochstaplers im Lichte psychoanalytischer Erkenntnis. *Imago*, 11(4): 355-370 (trans. A. Strachey, *Psychoanal. Q.*, 4: 570-587, 1935).
- Aichhorn, A. (1925). *Verwahrloste Jugend. Vienna, Austria: Int. Psa. Verlag* (Trans. as Wayward Youth, New York: Viking Press, 1935).
- Brean, H. (1954). *Marvin Hewitt Ph(ony) D.* Life Magazine, Abril 12.

- Deutsch, H. (1942). Some forms of emotional disturbance and their relationship to schizophrenia. *Psychoanal. Q.*, *11*: 301-321.
- Deutsch, H. (1944). *The psychology of women*, Vol. I. New York: Grune & Stratton, Vol. I.
- Greenacre, P. (1952). Conscience in the psychopath. In *Trauma, growth, and personality*. New York: Norton.
- Mann, T. (1954). *Bekenntnisse des Hochstaplers Felix Krull*. Frankfurt, Germany: Fischer Verlag (trans. as *Confessions of Felix Krull*, New York: Alfred A. Knopf, 1955).
- McCarthy, J. (1952). *The master impostor*. Life Magazine, Janeiro 28.
- Michaels, J. J. (1955). *Disorders of character*. Springfield, IL: Charles C Thomas.
- Reich, W. (1933). *Charakteranalyse*. Vienna, Austria: published by the author (trans. as *Character Analysis*, New York: Orgone Inst. Press, 1945).

Recebido em 15/08/2018

Aceito em 29/08/2018

Tradução de **Angela Silveira**

Revisão gramatical de **Ellen Garber**

Revisão técnica de **Paulo Oscar Teitelbaum**

© *The Psychoanalytic Quarterly*

Versão em português da Revista de Psicanálise – SPPA